
Bela estética: por uma competência jornalística¹

Kielce Marne Silva de ARAÚJO²
Cláudio MESSIAS³
Universidade Federal de Campina Grande, PB

Resumo

O que pretendemos neste trabalho, é lançar luz, em um caso de polícia, que aconteceu em março de 1994, na escola Educação Infantil Base, em São Paulo, no bairro Aclimação. Envolve, uma suposta sexualização de menores estudantes desta escola, a polícia, os pais, os diretores e donos da escola, assim como também, um corpo de jornalistas, que representam a indústria da informação da sociedade. Trata-se da tentativa de refletir a estética e o belo, conforme trabalhado exaustivamente em sala de aula, como tema esboçado em conteúdo, da disciplina Arte Estética e Comunicação. Assim como o artesão manuseia seus instrumentos na oficina, vamos trabalhar Rancière e Suassuna, como ferramentas valiosíssimas, na construção de uma perspectiva acadêmica. Este fato, que se transformou em escândalo, envolve diretamente a cobertura jornalística da época.

Palavras-chave: Escola infantil base; estética; belo; jornalista.

Introdução

O que pretendemos neste trabalho, é lançar luz, em um caso de polícia, que aconteceu em março de 1994, na escola Educação Infantil Base, em São Paulo, no bairro Aclimação. Envolve, uma suposta sexualização de menores estudantes desta escola, a polícia, os pais, os diretores e donos da escola e jornalistas, que representam a indústria da informação da sociedade.

Trata-se da tentativa de refletir a estética e o belo, conforme trabalhado exaustivamente em sala de aula, como tema conteudístico, da disciplina Arte Estética e Comunicação, ministrada pelo então professor Dr. Cláudio Messias, na Universidade Federal de Campina Grande-PB. Assim como o artesão manuseia seus instrumentos na

¹ Trabalho apresentado na etapa presencial (03 a 06/09/2024), da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 3º período do Curso de Comunicação Social/ Educomunicação; participante do Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão sobre o Paradigma Educomunicativo, ou simplesmente GEPEX Paradigma Educom (UFCEG); Mestre em Ciências Sociais – Universidade Federal de Campina Grande-PB, e-mail: kikomarne@hotmail.com

³ Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, docente no bacharelado Comunicação Social/Educomunicação na Universidade Federal de Campina Grande, PB. E-mail: claudio.messias@professor.ufcg.edu.br.

oficina, vamos trabalhar Rancière e Suassuna, como ferramentas valiosíssimas, na construção de uma perspectiva acadêmica, do que acabou se constituindo em um dos maiores escândalos sociais do país. Este fato envolve diretamente a cobertura jornalística da época.

Apenas tentando localizar socialmente tais autores mencionados acima, primeiro, temos Jaques Racière. Nascido na Argélia, nos anos quarenta do século passado, mas acaba migrando muito cedo com a família para Marselha, onde viveu por três anos. Em 1945, Paris, foi escolhida pelo destino, para ser sua casa definitiva, onde realmente vive até hoje. Atualmente, professor jubilado, de Estética e Política da Universidade Paris 8. Mas, vemos ainda que foi por intermédio dos postulados de Jean-Paul Sartre que teve seu primeiro contato com a filosofia. Demonstrou ávido interesse, pela obra de Karl Marx e também passou pelo pensamento de Louis Althusser, onde teve contato com uma leitura acurada estruturalista. O filósofo francês Jacques Rancière é considerado um dos mais importantes pensadores da atualidade. Sua imensurável produção intelectual tem repercutido em diversos campos do saber, como a filosofia e a teoria política, as artes e a educação. De acordo com as informações sobre este autor, foi partir dos anos 2000, que Rancière começa a dedicar-se, mais intensamente à estética, sempre demonstrando claramente, as implicações com a política, como nas obras *A partilha do sensível* (2000-2005) e *O espectador emancipado* (2008-2012).

Provavelmente, a origem das reflexões estéticas de Rancière pode ser direcionada aos seus primeiros trabalhos, quando se dedicou aos estudos sobre a emancipação operária onde ele descobriu a centralidade da estética, especialmente da escrita; não foi à toa sua militância de esquerda/ proletária, realizando trabalhos de base nas portas das fábricas, assim como também, reuniões de movimento político, nas periferias, nos bairros populares. Contudo, a partir dos estudos e pesquisas sobre as políticas da escrita, o filósofo acaba percorrendo os caminhos da própria teoria estética, com uma discussão densa, sobre os regimes da arte. Um recorte de seu pensamento, é absolutamente necessário para nossa análise.

Temos agora, uma honra imensa, portanto indizível, de apresentar o autor desta frase: *"Arte para mim não é produto de mercado. Podem me chamar de romântico. Arte para mim é missão, vocação e festa"*. Isso mesmo. Ariano Vilar Suassuna (1927- 2014). Foi um intelectual, escritor, filósofo, dramaturgo, romancista, artista plástico, ensaísta,

poeta e advogado em nossa nação. Nasceu no Palácio da Redenção, na cidade de Nossa Senhora das Neves, hoje João Pessoa, capital da Paraíba, precisamente, em 16 de junho de 1927. Em 1933 sua família mudou-se para Taperoá, no sertão da Paraíba, onde Ariano iniciou seus estudos primários. Teve os primeiros contatos com a cultura regional assistindo às apresentações de mamulengos e os desafios de viola. Em 1946 ingressou na Faculdade de Direito do Recife, quando fundou o Teatro do Estudante de Pernambuco, junto com Hermilo Borba Filho e outros colaboradores. Em 1947 escreveu sua primeira peça, *Uma Mulher Vestida de Sol*. No ano seguinte escreveu *Cantam as Harpas de Sião*, e, logo depois, vieram muitas outras. Vê-se que sua produção intelectual é muito fecunda. No ano de 1950 concluiu o curso de Direito e dedicou-se à advocacia e ao teatro. A partir de 1956, Ariano Suassuna passou a dar aulas de Estética na Universidade Federal de Pernambuco e deixa de lado a advocacia. Casou-se com Zélia de Andrade Lima, em 1957 e juntos granjearam *cinco filhos*. Se aposenta como professor em 1994. Contudo, a vocação para docência é muito mais “jovem e vigorosa” que sua própria idade, quando em 2008 volta para as salas de aula na UFPE, no curso de Letras, ministrando justamente a cadeira de Estética. Não posso deixar de mencionar sua obra-prima, "O Auto da Compadecida" (1955), onde o interesse é de se remontar uma forte tradição de valores religiosos e medievais dos Milagres de Nossa Senhora. Sua escrita perpassa a ideia de uma história mais ou menos profana, apresentando o herói em dificuldades, apelando insistentemente para Nossa Senhora. Numa composição simples e singela, com bastante humor essa sátira recebe toques sutis e caricatos. Entretanto, como vazão de uma expressão artística bem visceral, é perceptível uma crítica ao status quo da moral nordestina. Essa obra ganha uma inesquecível adaptação para a televisão e para o cinema, “esbarrando” num inevitável imenso sucesso.

Faz-se necessário mencionar o Movimento Armorial, que em 1970, foi criado e dirigido por ele, com o objetivo de realizar uma arte brasileira erudita a partir das raízes populares. Mais do que um movimento, o Armorial buscava ser um padrão estético que partia da premissa de que é necessário um modo criativo original, sempre a partir de elementos realmente provenientes da cultura popular do país, como os folhetos de cordel, os cantadores, as festas populares, entre outros aspectos que ressaltam nossas raízes culturais.

Em 1989, Ariano foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, onde no ano seguinte, ocupa a cadeira número trinte e dois. Em 2007, Ariano Suassuna assume a Secretaria Especial de Cultura do Estado de Pernambuco, e na sequência, Ariano passou a integrar a Assessoria Especial do governo do Estado. Ariano Suassuna falece em Recife, em 23 de julho de 2014. Pelo que se sabe, foi em decorrência das graves complicações de um AVC hemorrágico.

Como vemos a trajetória de ambos os autores, corroboram para uma inserção urgente neste espectro discursivo sobre “arte, estética e o belo”, partindo de construções altamente filosóficas que podem sim, levar-nos a refletir sobre as reais condições éticas e morais de uma sociedade permeada de egoísmo e competitividade. Tudo isso imbricado e simultaneamente, interferindo de forma bastante “radial” no vasto ecossistema comunicacional.

Sendo assim, o ponto nevrálgico da discussão recai sobre a competência do papel do jornalismo no que diz respeito a veiculação da verdade. Então vamos pensar sobre a estética da comunicação. A importância da preservação do belo como monumento da verdade, entrelaçando as narrativas contraditórias, e fabricadas por atores sociais comprometidos com a manipulação da consciência. Onde, transformando o belo em feio, causam no ecossistema da informação, verdadeiros “desentendimentos”, que aqui são classificados como desnecessários a ordem social (Rancière, 2012).

Fundamentação teórico-metodológica

Trinta anos depois, um caso de polícia, ainda reverbera em alguns recantos do país, onde há insistência em se refletir e analisar suas causas e consequências, colocando tudo, em suspeição. Então, não se trata de um acontecimento qualquer. O fato ainda é de grande relevância.

Vamos lembrá-lo com a elaboração de um discurso e narrativa, que com certeza, pertencem a um acumulado de informações compartilhadas, ao longo de três décadas. O que se propõe aqui, é um olhar próprio de um tempo, chamado presente, vigente; mas, que, de maneira responsabilmente acadêmica, dialoga com temporalidades outras e

discursos do passado. Algumas opiniões, já se assentaram em julgamentos e verdades cristalizadas, dentro dessa ambiência factual, que, pelo que se constata, realmente provocou total desordem e apreensão na época.

Em mil novecentos e noventa e quatro, mais precisamente, em Março, no início do ano. Em São Paulo, o ano letivo estava começando na escola de Educação Infantil Base, no bairro Aclimação. Ao que parece, alguns pais⁴ desconfiam do comportamento “estranho” de seus filhos. Tão logo, procuram a delegacia. Com a repercussão, outras mães se identificam com o caso. O que se sabe, é que o depoimento de algumas mães, apontam para os donos da escola, Icushiro Shimada e Maria Aparecida Shimada, a professora Paula Milhim Alvarenga e seu esposo, Maurício Monteiro Alvarenga, que, na época, era o motorista da Kombi (que levava as crianças para a escola). Estes portanto, são acusados, como sendo então, “os responsáveis” da tragédia sexual. De acordo com as declarações, estes, relacionados acima, faziam “bacanal” com estudantes de apenas quatro anos de idade. As prováveis vítimas, eram todas menores de idade. O detalhe, é que esse “bacanal” era, supostamente, realizado na casa (apartamento) dos pais (Saulo e Mara Nunes) de um aluno. Prontamente, o delegado de plantão, Eldécio Lemos, assume a investigação, e, autoriza um mandado de busca e apreensão ao apartamento onde, se conjectura, que as crianças estavam sendo abusadas. Em sequência, envia também, os filhos de Lúcia e Cléa ao Instituto Médico Legal. Nada de “estranho” foi constatado. Os exames de corpo e delito mostram parecer sem vestígios que comprovem as acusações. As mães, indignadas, foram à imprensa. Foi a partir daí que o caso da Escola Base explodiu e virou referência. No mesmo dia, o laudo do IML foi analisado pelo delegado, contudo, ainda era inconcluso. Apenas indicava, que poderiam ser lesões de práticas sexuais, mas nada comprovado. Nesse ínterim, os acusados já eram, aos olhos do povo, culpados antes de qualquer julgamento. Isto resultou no linchamento de quatro indivíduos inocentes, na depredação de propriedade privada e em sequelas psicossomáticas para todos os envolvidos, desde os acusados até os encarregados da apuração.

O que se pretende discutir neste trabalho, é justamente o impacto e o papel da imprensa da época, que estava avidamente disponível, para cobrir este evento. Em que pese a “estética” e a competência jornalística, fazendo um esforço para refletirmos juntos, a partir de algumas linhas dos postulados de Jaques Rancière. Vemos que, de maneira

⁴ Lúcia Eiko Tanoue e Cléa Parente de Carvalho, eram pais de estudantes da instituição.

apropriada, ele contribui para o momento, com a ideia certa, de que a estética está para a sociedade, numa relação de total cumplicidade. Num somatório de ideias comprometidas, ainda pretendemos submeter este trabalho, e, ao mesmo tempo, agregar, às concepções teóricas sobre o “belo”, enquanto objeto de estudo da filosofia, com enquadramento em Ariano Suassuna. É indiscutível, que ele apresenta aquilo que é belo, nas fontes clássicas que exalam aquele perfume com tons intensos de sobriedade dos antigos, como Platão. Este, ver o belo, como a real ascensão da verdade.

Então, como a imprensa, e toda mídia se envolveu nessa “trama”? Tendo em vista, que a maioria dos órgãos de imprensa foram condenados em última instância pela justiça, (ao final do caso) podemos questionar a roteirização das pautas dos primeiros dias de investigação, assim como também o que se construiu como verdade final do caso, que envolve sexualização de crianças e pedofilia. Temas que facilmente são *Trending topics e hashtags* bastante replicadas, nas redes sociais de hoje.

Estas repostas, talvez se encontrem, neste caminho dissertativo, com muitos outros questionamentos. Um corolário inevitável.

Notícias recheadas de informações, enchem as redações da imprensa na época. Manchetes em tabloides explodem com versões que apontam nominalmente, abusadores de crianças nesta escola. A controvérsia é que nenhuma veracidade foi devidamente comprovada. Hoje, podemos falar que a imprensa foi responsável pela criação de uma narrativa “carnavalesca”, cheia de brilho e pomposidade. Contudo, ainda em contrapartida, acaba logrando resultados negativos como em “sepulcros caídos”. Um exemplo de má condução jornalística, dos piores do país, nos últimos anos.

“O homem é um animal político”, foi o que disse Aristóteles⁵. Assim como ele, Rancière, olhava e observava muito bem o comportamento dos indivíduos na sociedade. Para ele, a sociedade resulta naturalmente das demandas humanas. A sociedade não é algo artificial, alheio à natureza humana, mas fruto dessa própria natureza. Os seres humanos têm capacidade de falar, de se comunicar, compartilhar suas ideias sobre o que é certo e errado, assim como o justo e o injusto. Então quando pensamos na atitude das autoridades responsáveis pela investigação do caso da Escola Base, podemos associar ao que Rancière chama de “desentendimento”, “discordância” entre os indivíduos, e isso seria um

⁵ Definição encontrada no site Filosofia na escola (descrição completa nas Referências).

obstáculo para a construção de um ideal de democracia, como a arte de viver, inclusive com as diferenças. A intencionalidade constatável nas autoridades, pressupõe uma corrosão nos valores éticos e estéticos da própria sociedade.

Então, para pensarmos à mesma maneira, a estética jornalística, em Rancière, temos que acionar o significado de competência no exercício da profissão, na esfera da convivência entre os indivíduos. Rancière consegue aglutinar o pensamento de Foucault sobre política e polícia, como nomenclaturas provenientes de uma mesma raiz, *polis*. Onde polícia, abrange táticas e práticas de organização da sociedade, e política, como as relações de poder. Para ele, a política é entendida como a convivência e o compartilhamento da vida entre aqueles que são iguais entre si. Rancière, vai dizer que nós temos um mundo dividido. Em convivência. Para ele a política é a partilha do mundo (do sensível-separação de partes) que permite que cada um seja integrante de uma comunidade e possa viver à sua maneira. O que nós chamamos de mundo, não é uma unidade, mas sim um ajuntamento de multiplicidades (diferentes formas de sentir o mundo). Então a política envolve percepções individuais que pertencem a esfera da sensibilidade (partilha do sensível). Então, cada grupo e cada indivíduo começam a viver à sua maneira, e conseqüentemente, surgem os conflitos.

Ao que parece, a imprensa, neste caso específico, da Escola Base, não cumpriu seu papel político na sociedade. Em contrapartida, a polícia, da mesma forma foi conivente com algumas atitudes da mídia, “aceitou os holofotes”, e, ajudou a disseminar informações, no mínimo, contraditórias.

A verdade é, como a Beleza, fruto da captação intuitiva do mundo, reformulada, no caso da verdade, pelo pensamento, o qual só tem uma fonte de aferição e retificação – o comércio fecundo e contínuo com a luz do real (SUASSUNA, 2014, p.17).

Para Suassuna, a estética é uma espécie de filosofia da arte. Ele percorre a teoria de vários filósofos, sobre o belo. E esse belo, pode ser uma característica que desperta em nós sentimentos agradáveis e harmoniosos. Pensando assim, no belo, como tudo que nos agrada, como aquilo que nos proporciona prazer sensível e espiritual, este caso em questão, apresenta-se eivado de sentimentos desarmônicos, onde percebemos “o mal” (bem definido em Agostinho e Aquino), nas atitudes grotescas e repugnantes de determinados “atores sociais” que não cumpriram seus papéis funcionais, na tão teorizada

sociedade de Rancière e Suassuna. Aqui, na trama da escola, é como se o belo não aparecesse. Não existe uma configuração ordenada de verdades factuais. O que se vê são versões fabricadas, numa clara espetacularização da notícia; com finalidades mercadológicas, comprometidas com a indústria da informação.

Onde está a beleza, como algo harmonioso que produz a unidade, a proporcionalidade, a ordem? Por onde andou o belo, como reflexo da obra criadora do divino perfeito?

O belo, em sua construção original, perdeu a capacidade de encantamento do sensível, pra ser utilizada somente como objeto de consumo necessário, que neste caso específico, procura tão somente publicizar e alimentar uma massa faminta de receptores da informação, onde essa, possivelmente vem cheia de notícias polêmicas e aterradoras.

Conclusão

Consta em relatos oficiais, que muitos processos foram movidos contra o Estado e a própria mídia. Maria e Icushiro faleceram sem receber a indenização completa que lhes era devido; ela de câncer em 2007 e ele de infarto em 2014. Paula, nunca mais conseguiu trabalhar como professora, pois ficou marcada como abusadora de crianças. Ela e o marido, Maurício, se divorciaram em virtude das dívidas e, da paranoia incontrolável, que o rapaz desenvolveu após o caso. Saulo e Mara, como os outros, também enfrentaram problemas financeiros.

Toda essa história, acabou enfatizando o poder e responsabilidade da imprensa, na perspectiva do cumprimento de sua pretensa imparcialidade. Destruir reputações, não pode ser pauta, de nenhuma empresa midiática, comprometida com a verdade. O que ocorreu na Escola Base serviu como um bom modelo do que a imprensa não deve fazer, em situações análogas.

Vimos, a partir de uma costura teórica e factual neste tecido dissertativo, elementos importantes para se pensar numa sociedade mais democrática, convivendo com as diferenças, porém, evitando conflitos desnecessários. Pensando assim, no belo, como tudo que nos faz bem, como aquilo que nos proporciona prazer sensível e espiritual, este

caso, em questão, apresenta-se totalmente perfurado por sentimentos desarmônicos; onde ainda percebemos “a escuridão do mal”, nas atitudes de “atores sociais” que não cumpriram seus papéis funcionais, na tão idealizada sociedade de Rancière e Suassuna. Sentimos falta do belo, na trama da escola. Ele desapareceu na penumbra cinzenta das estruturas corrompidas na sociedade observada.

Então, o conceito de belo, na transição descrita por Rancière, virou mercantilista, ligado aos desejos egocêntricos de estruturas dominadoras. Indivíduos, que perderam a honra, provavelmente perderam também o encantamento do belo, tão necessário para uma vida em comunidade. O belo, perdeu espaço central nos recônditos de uma sociedade industrializada. Tudo está ligado a manipulação da consciência. E o jornalismo tendencioso, altamente parcial, reforçou a antiga descoberta, de que pode manipular.

Referências bibliográficas

SUASSUNA, A. **Iniciação à estética**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 2014.

RANCIÈRE, J. **A comunidade estética**. Tradução: André Gracindo e Ivana Grehs Publicado originalmente em: Ouellet, P. (2002, org.). *Politique de la parole*. Montréal: Trait d'Union. p. 167-184. Disponível em: <[COMUNIDADE ESTÉTICA.jaques.ranciere.pdf](#)> Acesso em: 15 abril 2024.

COSTA, L. G. F. **A estética de Suassuna**. Revista estética e semiótica, Volume 10, Número 1. Disponível em: <[estética.ARIANO SUASSUNA.pdf](#)> Acesso em 15 abril 2024.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. São Paulo: Editora 34, 2009.

MOREIRA, L. G. S. “et al”. **Caso escola base**: a cobertura de crimes sexuais infantis, espetacularização e a crise dos sistemas peritos. Intercom, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, PUC-Minas, 4 a 8/9/2023. Disponível em: <[sobre escola base.pdf](#)> Acesso em: 20 abril 2024.

Escola base: falsa acusação que marcou o país vira documentário. UOL. Publicado em 11 de jun 2020. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-o-que-foi-o-caso-escola-base-fake-news.phtml>> Acesso em: 18 abril 2024.

O HOMEM É UM ANIMAL POLÍTICO. Disponível em:
<https://filosofianaescola.com/politica/homem-animal-politico/#google_vignette> Acesso em:
19 abril 2024.

WALKS, J. T. et al. **Tomada da palavra e conquista do tempo livre:** uma entrevista com Jacques Rancière. Coleção/ fascículo 06 de dez 2021. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/ep/a/hJpjH5QqsDN4RFdPbPgZXXZP/?lang=pt>> Acesso em 15 de abr 2024.

FRAZÃO, D. **Ariano Suassuna:** escritor brasileiro. Disponível em:
<https://www.ebiografia.com/ariano_suassuna/> Acesso em 15 de abr 2024.